

Mancha aureolada volta a preocupar cafeicultores

Flávia R.A. Patricio - flavia@biologico.sp.gov.br

Irene M.G. Almeida

Luís O.S. Beriam

Centro Experimental do IB

Masako T. Braghini - mako@iac.sp.gov.br

Luiz C. Fazuoli

Instituto Agronômico

Número 148 - 03/01/2011

Com o início das chuvas, a mancha aureolada, uma importante doença do cafeeiro causada pela bactéria *Pseudomonas syringae* pv. *garcae*, voltou a atacar severamente os cafezais, especialmente os situados em locais de elevada altitude, sujeitos à constante incidência de ventos. A doença foi constatada recentemente em lavouras de diversas regiões cafeeiras, principalmente do Estado de São Paulo, do Cerrado e do Sul de Minas Gerais.

As lavouras mais atacadas são aquelas em formação ou que sofreram alguma poda. A bactéria deve ter permanecido nos ramos e em algumas folhas do cafeeiro e, com o retorno das chuvas, voltou a causar os sintomas severos observados nas lavouras. É provável que os sintomas estejam relacionados com a redução da temperatura, especialmente à noite, e da elevação da umidade relativa, que favorecem a penetração da bactéria nas brotações mais jovens, mais suscetíveis (Fig. 1). A ocorrência da doença nas lavouras com carga pendente pode comprometer parte da produção comprometida, pois a bactéria pode penetrar nas inflorescências, afetando as rosetas (Fig. 2) e os frutos novos.

Sintomas

Os sintomas da doença são caracterizados por lesões foliares de coloração parda, que podem ou não ser acompanhadas por um halo amarelado (Fig. 3), seca de ramos e lesões nas rosetas, inflorescências e frutos novos, provocando, posteriormente, a desfolha dos ramos. No final do período das águas, a doença se restringe aos ramos, sendo esta uma estratégia de sobrevivência da bactéria. A mancha aureolada também incide sobre mudas em viveiros, causando lesões nas folhas e seca de hastes e ramos (Fig. 4). A doença é mais importante em lavouras novas, com até 3 a 4 anos de idade. Nos últimos anos, a doença tem ocorrido com gravidade, causando, inclusive, a morte de plantas com até um ano de idade.

A mancha aureolada, com certa frequência, tem sido confundida com a mancha de phoma, causada por *Phoma tarda*, ou mesmo com distúrbios nutricionais ou climáticos. Este fato faz com que os danos sejam agravados, especialmente porque medidas adequadas de controle não são adotadas a tempo. Por esta razão, o diagnóstico correto da doença é fundamental para o seu controle.

Manejo da doença

O manejo da mancha aureolada se inicia pela utilização de mudas saudáveis. Os viveiros devem ser instalados em locais adequados e protegidos contra ventos frios. A irrigação do viveiro deve ser monitorada, evitando-se vazamentos nos aspersores. Mudas com sintomas devem ser isoladas das demais, para que a doença não se propague para as plântulas saudáveis. Caso a doença seja detectada no viveiro, todas as mudas devem ser protegidas com aplicações de fungicidas cúpricos (hidróxido de cobre) e/ou de antibiótico (como a casugamicina na dose de 300 mL/100 L de água), a cada 15 dias.

O produtor deve fazer uma seleção rigorosa das mudas a serem levadas ao campo, e evitar o plantio de mudas com sintomas de mancha aureolada, especialmente em locais sujeitos aos ventos frios. Uma vez introduzida na lavoura, o controle da mancha aureolada é muito mais difícil.

O plantio em locais sujeitos aos ventos frios deve ser muito bem planejado, considerando-se a necessidade de quebra-

ventos. Entre as opções de quebra-ventos temporários sugerem-se o milho, a crotalária, o feijão guandu e outras. Como espécies permanentes podem ser utilizadas grevéleas, bananeiras, abacate, cedrinho, eucalipto e outras.

Poucos estudos avaliaram a resistência de cultivares de cafeeiro a essa doença. As cultivares do grupo Mundo Novo mostram-se bastante suscetíveis à mancha aureolada; as cultivares do grupo Catuaí são moderadamente suscetíveis; do grupo Icatu tem resistência parcial e a variedade Geisha é resistente à mancha aureolada.

Medidas emergenciais

Aplicações de fungicidas cúpricos devem ser iniciadas imediatamente e repetidas a cada 20-30 dias, em lavouras que apresentam sintomas. Formulações com o hidróxido de cobre estão registradas para o controle dessa bacteriose em café. Sugere-se que sejam aplicadas na maior dose de registro e, se possível, com a adição de óleo mineral ou adesivo, para aumentar a fixação do cobre nas folhas, especialmente considerando a elevada incidência de chuvas nesta época do ano. Em nossos estudos, o oxiclreto de cobre, na dose de 4,0 kg/ha, foi o cúprico que forneceu o melhor controle da bactéria. Entretanto, há diversos cúpricos registrados para a cultura do café. O importante é que os cúpricos sejam utilizados nas suas maiores doses de registro, para garantir uma quantidade adequada de cobre nas folhas e ramos. O mesmo pode ser adotado para as misturas de produtos. Também é fundamental a regulagem dos equipamentos para que a calda aplicada seja bem distribuída na planta, tanto nos ramos produtivos, como naqueles com folhas mais jovens, especialmente da parte superior da planta, a mais afetada pela mancha aureolada.

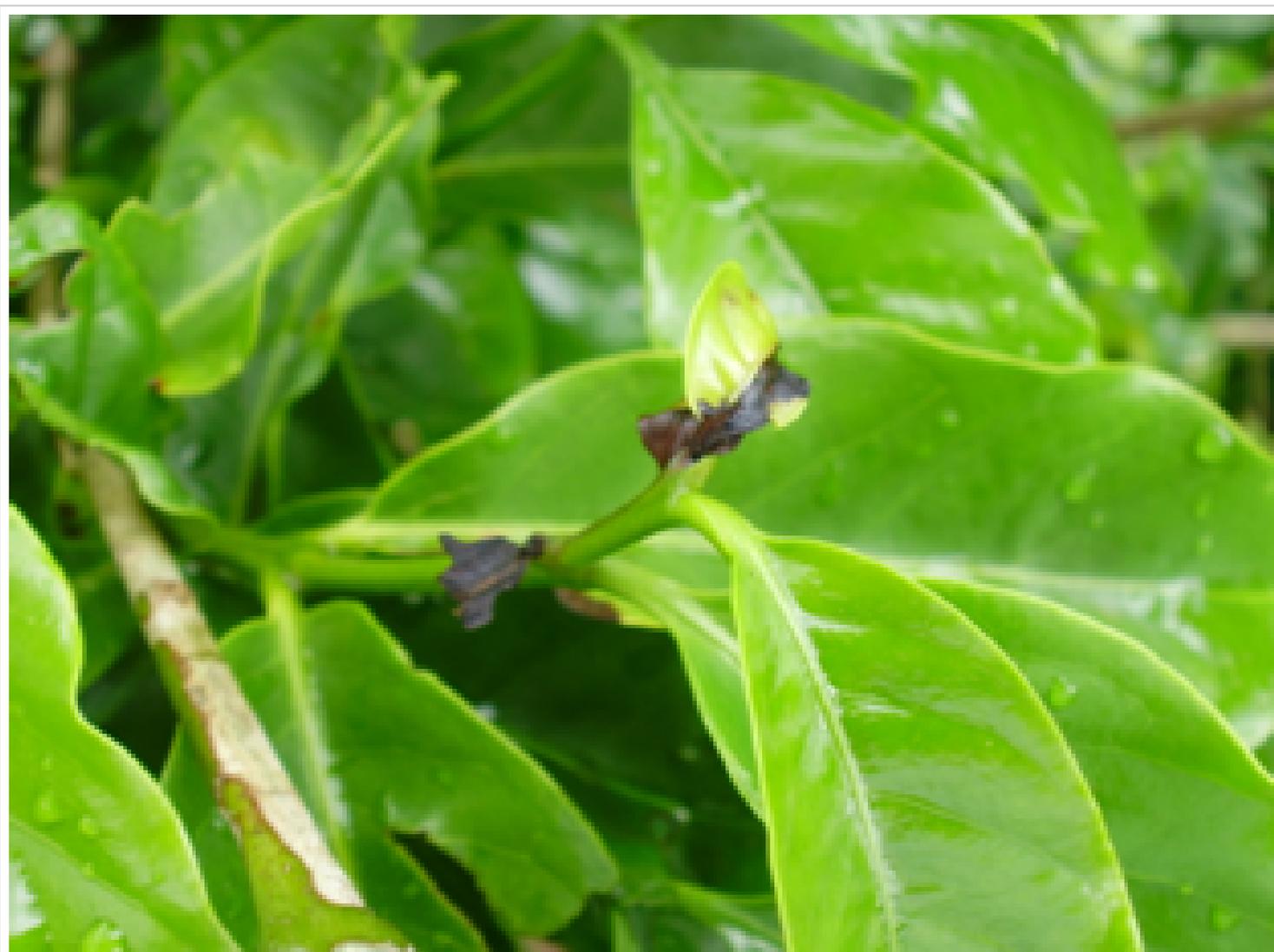


Fig. 1. Folhas jovens atacadas pela mancha aureolada.

(uploads/artigos/148/1.jpg)



Fig. 2. Inflorescências e rosetas com mancha aureolada.

(uploads/artigos/148/2.jpg)



Fig. 3. Lesões características de mancha aureolada nas folhas.

(uploads/artigos/148/3.jpg)



Fig. 4. Mudas atacadas pela mancha aureolada.

(uploads/artigos/148/4.jpg)